

O MOVIMENTO HIGIENISTA: INTERFACES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA A PARTIR DO CONTO “O ALIENISTA” DE MACHADO DE ASSIS

Silas Alberto Garcia ☎ 0000-0001-9798-8219

Ms. Nélio Borges Peres ☎ 0000-0002-8411-0420

Dra. Nívea Maria Silva Menezes ☎ 0000-0002-4837-7283

Universidade Estadual de Goiás

RESUMO: Este artigo objetiva discutir quais as possíveis relações entre a obra “O Alienista” de Machado de Assis com o surgimento da Educação Física no Brasil. Embora seja uma história ficcional, encontramos semelhanças nesse conto com a realidade da época e pontos de contato com a atmosfera em que se constituiu a gênese da Educação Física no Brasil. Este trabalho se constitui em um estudo compreensivo com delineamento de pesquisa bibliográfica. A leitura do “Alienista”

de Machado de Assis e dos autores utilizados neste estudo para a compressão do movimento higienista no Brasil nos permitem uma compreensão e um entendimento mais crítico sobre o que foi esse movimento no Brasil, assim como os desdobramentos que o mesmo teve e ainda tem, visto que a ideologia higienista ainda reverbera na nossa cultura, basta observarmos a atualidade dessa política no nosso cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Higienismo; O Alienista; Educação Física;

THE HYGIENIST MOVEMENT: INTERFACES WITH BRAZILIAN PHYSICAL EDUCATION FROM THE SHORT STORY “THE ALIENIST” BY MACHADO DE ASSIS

ABSTRACT: This article aims to discuss the possible relations between the work "The Alienist" by Machado de Assis with the emergence of Physical Education in Brazil. Although it is a fictional story, we find similarities in this tale with the reality of the time and points of contact with the atmosphere in which the genesis of Physical Education in Brazil was constituted. This work is a comprehensive study with a bibliographic

research design. The reading of Machado de Assis's "Alienist" and the authors used in this study for the compression of the hygienist movement in Brazil allows us to understand more critically what this movement was in Brazil, as well as the consequences he had and still has, since the hygienist ideology still reverberates in our culture, we just have to observe the contemporaneity of this policy in our daily life.

KEYWORDS: Hygiene; The Alienist; Physical Education;



1 INTRODUÇÃO

Diversos estudos têm abordado sobre a influência do higienismo na formação da nação brasileira. O higienismo é um elemento imprescindível para se compreender o processo histórico do Brasil, mormente no que tange ao surgimento da Educação Física no Brasil. O célebre Machado de Assis, no final do século XIX, por meio do conto “O Alienista”, já apresentava modificações que o paradigma higienista, advindo da chegada corte portuguesa, trouxeram para a sociedade brasileira, tais modificações, necessárias para o desenvolvimento de uma nova nação em conformidade com os preceitos oriundos do capitalismo europeu que se delineava no Brasil.

É característico das obras machadianas o uso da ironia e crítica social. No conto “O Alienista”, não é diferente, ele descreve de forma irônica o personagem Simão Bacamarte, um dos maiores médicos do Brasil que veio de Portugal e se dedicou nos estudos da loucura. Todavia o foco da crítica de Machado não é somente a loucura, mas, sobretudo os novos paradigmas emergentes na sociedade com a chegada da corte portuguesa no Brasil, dentre eles, o higienismo (ASSIS, 2011).

Simão Bacamarte é um médico que vive para e pela ciência, o que não é científico não lhe interessava. Ele se dedicou integralmente ao estudo da loucura, utilizou de todos os meios para desvendar os mistérios da loucura humana. Por possuir cargo de médico, ser uma celebridade na sua cidade e por ser munido de conhecimento científico, logo recebeu autoridade para poder atuar livremente em sua cidade com seus estudos sobre a loucura, fazendo o que quisesse, pois, tudo era justificado pela chancela do embasamento científico (ASSIS, 2011). Embora seja uma história ficcional, encontramos semelhanças nesse conto com a realidade da época e pontos de contato com a atmosfera em que se constituiu a gênese da Educação Física no Brasil.

Soares (2004), argumenta que foi com a instauração da corte portuguesa no Brasil que as abordagens que concerne à saúde, à higiene, ao físico das



peças começaram a ser fomentadas. Logo essas concepções passaram a fazer parte da educação da elite que eram instruídas pelos médicos higienistas, então, a partir dessa perspectiva surge a Educação Física no Brasil.

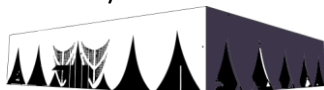
Percebemos que tanto a obra “O Alienista”, quanto a gênese da Educação Física possuem em comum aspectos que remetem a abordagem higienista. Neste viés, esse artigo objetiva discutir quais as possíveis relações entre a obra de Machado de Assis pautada na crítica social do higienismo com o surgimento da Educação Física no Brasil. Portanto se trata de um estudo compreensivo com um delineamento de pesquisa bibliográfica.

Para alcançarmos o nosso objetivo, organizamos o desenvolvimento do artigo em três tópicos. O primeiro versará sobre o higienismo e a gênese da Educação Física; o segundo abordará a relação interdisciplinar entre a Educação Física, a Literatura e a História, e o terceiro apresentará as conotações do conto alienista com o movimento higienista e com a gênese da Educação Física.

2 O HIGIENISMO E A GÊNESE DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Neste tópico não será realizado uma análise profunda e sistemática sobre o nascimento da Educação Física, pois já existem estudos que se dedicaram exclusivamente para isso. O que se objetiva aqui é apenas realizar um introito para elucidar sucintamente o surgimento da Educação Física no Brasil influenciada pelo movimento higienista.

A vinda da corte portuguesa no Brasil trouxe diversas transformações sociais, políticas e morais. Ao chegarem aqui, influenciados pelo modelo burguês capitalista europeu, aquilataram a sociedade brasileira como precária, insalubre, doentia e imoral. Neste sentido, tornava-se pertinente e urgente uma reestruturação em todo o país, para que assim, o Brasil pudesse se adequar nos moldes do padrão que vigorava na Europa. Portanto, iniciou-se o processo de transformação higiênica/sanitária e moral para que o moderno homem brasileiro fosse delineado (SOARES, 2004).



A chegada da corte portuguesa dá início a um processo de renovação cultural, colocando novas necessidades para a sociedade brasileira como, por exemplo, a escola e a vida nas cidades. Até a chegada da corte, tanto a escola quanto as cidades não despertavam interesse ou preocupação por parte das famílias da elite nativa. Foi, portanto, a partir daquele momento que cidade e escola passaram a pontuar o universo de preocupações das elites (SOARES, 2004, p.78).

A partir deste momento o processo de reestruturação da sociedade brasileira caminha tendo como égide o conhecimento científico biológico positivista que visava construir um corpo saudável, robusto, asséptico, regenerado. Nesta perspectiva, o Brasil poderia se tornar uma nação próspera, visto que teria uma população extremamente produtiva e salubre. Um dos estratagemas mais eficazes para conseguir esse objetivo, era através da intervenção no corpo da sociedade. Foi nesta ocasião que os médicos higienistas conquistaram poder para realizarem projetos sanitários de assepsia social e programas ginásticos para tornar o corpo dos cidadãos férteis e saudáveis. Em consonância com Soares (2004), a medicina social passa a ter o amparo do Estado, pois este notou a importância política das práticas médicas. Em sua concepção higienista, a medicina social proporcionou um novo paradigma para a Educação Física, educação escolar e para toda sociedade.

Percebendo o aspecto disciplinador da Educação Física sobre o corpo da elite nos colégios, os médicos higienistas notaram a importância da Educação Física para uma nova constituição social. Passa a se configurar uma Educação Física ginástica. Então a concepção médica passa a determinar sistematicamente a organização dos Colégios, desde a forma de sua estrutura até nas diretrizes curriculares (SOARES, 2004).

Ainda de acordo com Soares (2004), a supervalorização dada aos exercícios físicos pelos médicos contribuiu para a modificação social e no desenvolvimento das elites e para a “educação” coletiva da população. Os médicos higienistas adotaram argumentos biológicos, anatômicos e fisiológicos que conquistaram o respeito e a segurança da elite, conseqüentemente, do



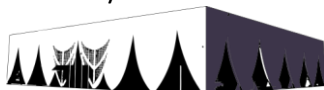
Estado. O exercício físico controlado pelos médicos higienistas foi mais uma forma de “remediar a sociedade”.

Esse processo culminou na abordagem da Educação Física Higienista. Ghiraldelli Júnior (1997, p.17) argumenta que:

No caso da Educação Física Higienista, a ênfase em relação à questão da saúde está em primeiro plano. Para tal concepção, cabe à Educação Física um papel fundamental na formação de homens e mulheres sadios, fortes, dispostos à ação. Mais do que isso, a Educação Física Higienista não se responsabiliza somente pela saúde individual das pessoas. Em verdade, ela age como protagonista num projeto de “asepsia social”. Desta forma, para tal concepção a ginástica, o desporto, os jogos recreativos etc. devem, antes de qualquer coisa, disciplinar os hábitos das pessoas no sentido de levá-las a se afastarem de práticas capazes de provocar a deterioração da saúde e da moral, o que “comprometeria a vida coletiva”.

Os escritos de Soares (2004) e Ghiraldelli Júnior (1997) permitem a compreensão de que a Educação Física representou um meio, uma “ferramenta” de adestramento, controle e disciplina social. Foi preciso adaptar uma forma de revitalização da sociedade brasileira para transformá-la de acordo com as necessidades da burguesia liberal que emergia da instauração da corte portuguesa no Brasil. A Educação Física foi percebida como relevante e eficaz para o controle corporal da população. Programas de exercícios, inicialmente destinado à elite (bem como a educação), foram sistematizados a partir da geração da necessidade de intervir nos corpos de toda a população, pois a nação só iria progredir se toda a população fosse saudável e produtiva.

A implementação da Educação Física na educação escolar começou a ser configurada nos currículos oficiais. Soares (2004) notou que a escola passou a difundir padrões e costumes de “bem-estar”, e os médicos higienistas aturavam na constituição do plano e na conduta educacional desde o decorrer do século XIX até o começo do século XX, quando suas atuações passam a ser definitivas. A inserção da Educação Física na educação escolar enfrentou turbulências porque nem sempre as justificativas médicas/higienistas conseguiram cessar os



pensamentos pejorativos que envolviam a Educação Física, principalmente a prática das mulheres – que foi conceituada como indecente, embora houvesse o reconhecimento da importância da Educação Física para as mulheres. A prática da ginástica era tida como garantia de um corpo feminino robusto e sadio, conseqüentemente, isso possibilitaria a geração de crianças fortes, saudáveis e inteligentes que iriam garantir o futuro do país.

Com a assimilação e sistematização das concepções advindas da Europa, como o liberalismo, que teve papel central, representava-se de forma teatral a ideologia da burguesia – além de várias correntes de pensamento que passaram a atuar no Brasil, tais como evolucionismo, positivismo, organicismo. Essas correntes tiveram grande influência na educação e na saúde do país, conseqüentemente, no desenvolvimento da sociedade no final do Império. Sobretudo na Educação Física escolar, que se orientou por aqueles vieses cognitivos ao definir as finalidades da educação nos processos de formação de cidadãos fornidos, sadios, vigorosos e civilizados do qual necessitava imensamente a sociedade brasileira que pretendesse chegar ao progresso (SOARES, 2004).

Ainda sobre a influência do liberalismo na reestruturação da moderna sociedade brasileira, mormente a partir da abolição da escravidão (1888) e da proclamação da república (1889) Ghiraldelli Júnior (1997, p.22), explana que:

Educação Física Higienista é produto do pensamento liberal. O liberalismo do início do século XX em nosso país acreditou na educação, e particularmente na escola, como “redentora da humanidade” (cf. Saviani, 1983, p. 165). Sobre os ombros da educação e da escola foram depositadas as esperanças das elites intelectuais de construção de uma sociedade democrática e livre dos problemas sociais. Os liberais não titubeavam em jogar às costas da “ignorância popular” a culpa pelos problemas sociais que, em verdade, se originavam da perversidade do sistema capitalista.

Com essa análise de Ghiraldelli Júnior (1997), fica explícito que a sociedade que se delineava no Brasil, influenciada pela concepção liberal, creditava que a solução para as adversidades sociais do Brasil, supostamente



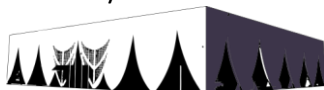
ocasionadas pela insipiência dos cidadãos, se encontrava na educação. Por esse fato, havia a necessidade de realizar um planejamento educacional que fosse capaz de reeducar a população, uma reeducação intelectual, moral e corporal. Então, surge a pedagogia higienista.

Embora a premissa liberal de que a educação seria o “remédio” para todas as complicações sociais tenha dado um significativo destaque para a educação, é pertinente ressaltar que o produto final desse processo foi lastimável e trouxe inúmeras consequências para formação da sociedade brasileira. De acordo com Jurandir Freire Costa (1983, p.214 apud Soares, 2004, p.75), o resultado gerado pela pedagogia higienista foi um:

[...] indivíduo física e sexualmente obcecado pelo seu corpo; moral e sentimentalmente centrado em sua dor e seu prazer; socialmente racista e burguês em suas crenças e condutas; finalmente, politicamente convicto de que da disciplina repressiva de sua vida depende a grandeza e o progresso do Estado brasileiro.

O otimismo sobre intervenção científica parecia compensar o diagnóstico sombrio sobre as cidades construídas com o advento do capitalismo industrial. A profissão médica tornou-se uma função de autoridade cultural que buscava eliminar o sobrenatural e enfatizar o erro moral como causa para doenças, como sugere a expressão “cair em desgraça”. Higiene e reforma moral eram termos que se confundiam diante da ideia da degeneração social.

Outro ponto relevante está na associação entre médico e capitalista, encarnada na figura do filantropo. No Brasil, o discurso higienista participou do debate sobre raça e natureza. A relação dos higienistas com problemas sociais no Brasil se dá em diferentes contextos e se torna notável no final da década de 1910, em meio aos caminhos traçados para construção da nacionalidade através das campanhas de alfabetização, formação profissional do exército e promoção da Saúde. “O Brasil é um imenso hospital”, dizia-se quando da descoberta de um Brasil abandonado, com uma população de analfabetos e doentes espalhados pelo interior chamado “sertão”. Aos médicos coube a autoridade



governamental, ausente na maior parte do território, e que rendeu críticas ao sistema oligárquico (LIMA, 1999).

A produção do discurso higienista compara-se a um jogo de poder e controle de populações e indivíduos através de instituições que agem no sentido de excluir os indivíduos da sociedade sem isolá-los. Esse é um pensamento médico usado para construção dos discursos que expressam a necessidade de intervenção da autoridade política no interior, em prol do saneamento, e que formam uma elite que concebe como sua a missão de apoiar esse projeto. A boa saúde estava relacionada ao aumento da população e desenvolvimento de lavouras e rebanhos, de modo que os doentes passariam a ser mais caracterizados do que as doenças (SILVA, 2016).

3 DA RELAÇÃO INTERDISCIPLINAR ENTRE A EDUCAÇÃO FÍSICA, A LITERATURA E A HISTÓRIA

Uma das funções da História é a de desnaturalizar a cultura, entendida como modos de fazer e sentir, pensar e agir, no tempo e espaço. Para a Educação Física, observada através da Literatura, é necessário saber que nas sociedades industriais a coesão espiritual foi rompida e a vida não pode mais ser experimentada. O que ora observamos como Educação Física são práticas corporais ou experiências com o corpo cuja finalidade é a mera sobrevivência projetada pelo modo de produção que gera carências de orientação da vida, como a sensação de falta da experiência coletiva. Em sociedades sem valores estáveis, o papel da literatura passou de interpretação da vida para se tornar uma busca do sentido da existência que se perdeu. É o que Merquior (2014) inferiu do significado da obra de Machado de Assis (1839-1908), como obra que introduziu a problematização da vida na literatura brasileira.

Em Machado de Assis o impressionante destoa do natural. Quando o sentimento de frustração, causado pela inadequação a um lugar ou pela falta de comunicação e cansaço da vida aparecem, o diagnóstico patológico, o tratamento

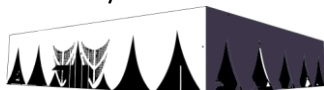


impessoal, o corpo somático, a objetividade, tornaram-se motivos naturalistas para a arte no século XIX. Quando as Ciências atuais nasciam num mundo perturbado pelos ruídos e barulhos de máquinas, o impressionismo substituiu a morbidade mental e o narcisismo erótico do naturalismo foi trocado pelas imagens e símbolos da decomposição e da morte. O impressionista poderia captar sutilezas das mudanças da atmosfera social enquanto que:

Os materialismos deterministas haviam reduzido a consciência a mero depósito de impressões. A arte decadente conserva a ideia da *passividade* do espírito, mas explora as conotações morais da inércia do ser humano frente ao fluxo heterogêneo da experiência, inércia que corresponde, no plano psíquico, à impotência do indivíduo ante o crescimento tentacular das redes burocráticas, no Estado e na empresa (MERQUIOR, 2014, p. 244).

O romance impressionista, ligado ao senso da perda da qualidade de vida, aparece como fonte para temas da Educação Física atual. O sentimento da existência arruinada informa sobre o vazio interior como uma experiência com a dor. A ausência de valores, numa civilização dominada pela máquina, inspirou as sociedades que se tornaram massa a buscar o conforto e a segurança que triunfam como anestesia no domínio do homem sobre a matéria homogeneizada e sem vida. Enquanto a percepção da passagem do tempo e os ritos da memória são motivos na ficção impressionista, a lembrança crítica e a compreensão do sentido da experiência passada aparecem na busca do tempo perdido através das práticas de *edificação da moral, divertimento e problematização da vida* (MERQUIOR, 2014).

Depois de ter superado o romantismo, em torno de 1878 a 1880 Machado de Assis estabeleceu um gênero narrativo baseado no conto-teoria ou conto filosófico. *O Alienista*, obra da ironia machadiana, enxerga “o triunfo da insensatez sobre a razão” e revela a arbitrariedade das normas sociais e a escassez e fragilidade da virtude, vencidos pela realidade que condena a humanidade a ser produto do árbitro da opinião pública, movida por apetites e interesses (MERQUIOR, 2014).



Diante das leis da natureza e da sociedade, formas corporais são elaboradas a partir de ficções médicas e jurídicas postas pelo Direito e pela Medicina para determinar limites e formas de controle das transformações sociais (que são interpretadas mais do que vividas como processos de longa ou curta duração). O olhar machadiano ajuda enxergar que, enquanto ideologia na Europa, o liberalismo produziu uma noção de liberdade e igualdade universais que correspondia às aparências e encobria a real exploração do trabalho.

Tema central no conto-teoria é a arbitrariedade do poder, e o hospício era a casa do poder. Uma instituição pública como a Casa Verde, que representava a ciência, não podia ser aberta ou fechada por voto administrativo nem por movimentos de rua (BOSI, 2003, p. 89). Simão Bacamarte, o médico alienista, recebeu apoio militar e do vice-rei para restaurar a ordem, pondo os revoltosos no hospício. A situação prévia de domínio é exercida em nome de uma atividade neutra para além dos apetites vulgares, e a ciência foi usada como lâmina para discriminação social que enxergava loucos de um lado e sãos de outro, conforme o dualismo. O que haveria de anormal na atitude dos que foram recolhidos ao hospício? Um extravasamento qualquer da subjetividade, um gesto furtivo do *eu* que se destaca na multidão mediana, uma afirmação forte de caráter, uma conduta que deixasse supor que o normal seria homogêneo, repetido, previsível, porque “O normal é a forma pura da aparência pública, a forma formada, a forma alheia a qualquer movimento interior” (BOSI, 2003, p. 91). A norma está com a maioria, e qualquer coisa fora disso era loucura. A coerência estava na miragem da verdade do começo ao fim.

De um extremo a outro, dos alucinados ao sábio, o critério permanece o mesmo, metodicamente o mesmo: é preciso apartar do convívio público todo aquele que se diferencia, de algum modo, da Norma instituída, da aparência dominante. Essa é a única ciência, niveladora e eficaz, a qual se dobra um rei, o vice-rei, a Câmara e todos os homens da cidade. Mas nem a câmara, nem o vice-rei, nem o rei podem impedir que a lógica violenta da regra se volte contra o seu cumpridor... (BOSI, 2003, p. 92).



Aconteceu de ser normal que os papéis sociais se misturarem e fossem mesmo trocados na sociedade brasileira sob o olhar de Machado de Assis: fantasias e obscurantismo foram considerados como ciência nessa sociedade que interpretava a racionalidade científica como absurdo e fantasia, a ponto da democracia ser considerada como prática oligárquica e um “jogo fraudulento” de formas e substâncias. Machado de Assis retratou as formas jurídicas que transformavam os rostos em máscaras e as máscaras em rostos. A finalidade da educação era determinada pela orientação baseada nas crenças das opiniões correntes, isentas de contradição, para proteção de todos, jovens e adultos que corriam perigo de perder a compostura por causa de alguma reflexão própria que revelasse aos outros “um rosto por detrás da máscara” – o que perturbaria o “perfeito vazio” dos ouvintes para preservar o *status* de normalidade com a redução e eliminação das diferenças (BOSI, 2003).

4 CONOTAÇÕES DA OBRA O ALIENISTA NO CONTEXTO DO MOVIMENTO HIGIENISTA E A GÊNESE DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

“O Alienista” é um conto escrito por Machado de Assis e publicado por volta de 1881 e 1882. Evitaremos o debate sobre a forma conto ou novela. O conto é dividido em 13 capítulos. Cronologicamente, o enredo do conto é situado após a chegada da família real no Brasil, período marcado pelo pensamento europeu, de corte francês, trazido pela elite portuguesa. Neste sentido, Machado de Assis descreve o “Alienista” satirizando as diversas modificações sociais ocasionadas pela tentativa de adequação da nação aos padrões europeus.

O autor narra a história de um astuto e diletante médico, o Dr. Simão Bacamarte. Este, decide retornar ao Brasil para se dedicar à sua paixão e amor verdadeiro, a ciência ao se entregar ao estudo da loucura em Itaguaí. Tais questões ficam explícitas na fala do ilustre médico, quando diz que: “– A ciência – disse ele a sua Majestade – é meu emprego único, Itaguaí é meu universo” (ASSIS, p.7, 2009).

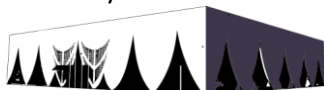


Já no início do conto fica evidente que Simão Bacamarte é um homem da ciência, que vive para a ciência e que seu único compromisso é incessantemente com a ciência. Nem mesmo o amor era capaz de tirar o seu foco científico. Ao se casar, Bacamarte escolhe sua mulher, D, Evarista, respaldado na ciência. Para ele o que tinha valor eram as qualidades fisiológicas e anatômicas para que ele tivesse progenitores fornidos, saudáveis e inteligentes – beleza e simpatia não tinha nenhuma importância. Ao ser questionado sobre a escolha de sua esposa pelo seu tio, Bacamarte responde que “D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriu com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente visão, estava assim apta para dar-lhe filhos robustos são e inteligentes” (ASSIS, 2009, p.7).

Neste ponto já é notório o ceticismo de Machado de Assis com o pensamento positivista que vigorava na sociedade da época. Para a concepção positivista, tudo pode ser explicado pela ciência, a ciência pode tudo, e desse modo um sábio como Simão Bacamarte deveria escolher sua esposa embasado nos princípios científicos. Em conformidade com Melo Junior (2016, p. 75),

[...] torna-se claro que Simão não havia mentido outrora ao Rei de Portugal, quando disse que seu único interesse era o estudo científico. Mesmo em se tratando de casamento, o doutor levou em consideração tão somente os quesitos que caracterizavam sua companheira como uma boa progenitora de sua almejada prole. Para Bacamarte, D. Evarista era como o relógio no pensamento cartesiano, isto é, apenas uma máquina a ser dissecada e esmiuçada pelo discurso científico.

Neste sentido, Corbanezi (2015, p. 225) salienta que “[...] o amor preconizado pela higiene era pragmático: tratava-se de uma política de conservação biológica e moral da espécie”. Essa forma de compreender o corpo feminino, apenas no viés biológico e fisiológico para a procriação, é um estigma que advém das contradições da nação brasileira. Desde os primeiros planos higienistas de controle corporal já se percebe o que possibilitou às mulheres poderem participar dos programas ginásticos: a argumentação de que a prática



de exercícios físicos poderia ser benéfica para a geração de indivíduos saudáveis e robustos (SOARES, 2004).

Embora tenha seguido todos os critérios científicos para a escolha de uma esposa que fosse capaz de lhe dar excelentes descendentes, Bacamarte teve suas expectativas frustradas, visto que D. Evarista não lhe concebeu nenhum filho. Machado de Assis colocava em dúvida o pensamento positivista da ciência como verdade absoluta.

Notemos que Machado utiliza-se da ironia, a todo momento, tecendo nesse conto uma crítica social ao seu período. Podemos dizer que “O alienista” é uma obra que se utiliza do sarcasmo para desnudar a sociedade, e o próprio Simão Bacamarte é um alienista caricato. É por meio da ironia que Machado irá expor as “falhas” no discurso cientificista de seu tempo (MELO JUNIOR, 2016, p. 75).

Apesar disso, o dr. Bacamarte não se abalou, prosseguiu estudando, buscando novos aprendizados nas ciências médicas. Isso porque “[...] a ciência tem o inefável dom de curar todas as mágoas” (ASSIS, 2009, p.8). Estudando incessantemente lhe surge um fascínio, ele decide se aventurar no estudo da loucura. O diletante médico percebeu que quase não existiam estudos e referências sobre a patologia psíquica, então, ele começa a investigar e buscar uma solução para a loucura.

Sendo assim, para conseguir realizar seus estudos e criar uma solução para a insanidade, Simão Bacamarte busca apoio das autoridades públicas. Com astúcia, consegue convencer o parlamento de Itaguaí a lhe conceder o direito de poder internar os indivíduos que fossem diagnosticados como loucos no manicômio que também lhe autorizaram construir. Além disso, com sua sagacidade, conseguiu aprovar um decreto que designasse impostos para custear o “[...] tratamento, alojamento e mantimento dos doidos pobres” (ASSIS, 2009, p.9).

Nesta parte fica explícito que Machado de Assis coloca em questão o poder que os médicos receberam do estado para intervirem na sociedade brasileira. Ao



recorremos aos estudos de Soares (2004), percebemos que foi concedida autoridade e liberdade aos médicos-higienistas para agirem sobre a população. Então, eles começaram a sistematizar e organizar as diretrizes educacionais, inserindo concepções de higiene pessoal, moral e física no ensino escolar. É neste momento que a Educação Física surge através dos programas ginásticos para a educação escolar e adquire valor de instrumento para funcionar como parte do controle corporal da população. Neste sentido, presume-se que Simão Bacamarte representa os médicos-higienistas do Brasil que ganharam poder para interferir em todas as esferas sociais.

Quando o Dr. Bacamarte inaugura a Casa Verde, o manicômio destinado aos mentecaptos, o médico asilava somente os loucos já identificados socialmente. Todavia, conforme aprofundava suas investigações, novas categorias e métodos de identificação dos anormais surgiam em sua mente. Irreprochável cientista, Simão Bacamarte desprezava explicações que não fossem científicas. Quando lhe é dada uma explicação divina sobre a loucura, proferida pelo Padre Lopes, o sagaz cientista não se convencia. Explorando essa questão, Pereira (2014, p. 148) profere uma reflexão significativa quando redige o seguinte trecho:

Operando a partir da “cientificidade pura”, o alienista não confundiria as “línguas” científica e religiosa, na “torre de Babel” de um contexto tradicional-brasileiro, escravista, religioso, e, como Machado faz questão de ironizar, herdeiro da colonização, porém defrontado com a modernidade. O “mundo fechado” modernizava-se diante dos olhos atentos e desconfiados do escritor, de forma ambivalente e específica, via elites europeizadas e, ao mesmo tempo, ligadas a práticas tradicionais (incluindo fundamentalmente o contexto escravista), portadoras e adaptadoras do discurso cientificizado (ou pseudo-cientificizado, como no caso das teóricas racialistas).

Machado de Assis coloca lado a lado uma autoridade científica, Simão Bacamarte e uma autoridade religiosa, padre Lopes. O primeiro representava o novo, o progresso científico, a modernidade, enquanto este último, certamente, representava o arcaico, o obsoleto que necessitava ser superado. Contudo, o



autor não deixa escapar uma oportunidade de deflagrar os moldes da sociedade emergente, que buscava se “modernizar”. Mesmo que o ilustre médico buscasse expressar a modernidade, o inovador, ele é dogmático, fanático e crédulo pela ciência, características essas típicas da sociedade “ultrapassada”. Endossando essa concepção, Melo Junior (2016), argumenta que paulatinamente a ciência se transformava em um novo evangelho.

Conforme Bacamarte avançava em seus estudos, criando novas teorias e classificações para a loucura, a Casa Verde ficava cada vez mais cheia. E logo foi preciso ampliar as instalações. Embora isso, o magistral cientista não se contentou em apenas investigar os mentecaptos internados, ele passou a intervir nas relações sociais dos cidadãos de Itaguaí.

[...] Simão Bacamarte estudava por todos os lados uma certa ideia arrojada e nova, própria a alargar as bases da psicologia. Todo o tempo que lhe sobrava dos cuidados da Casa Verde, era pouco para andar na rua, ou de casa em casa, conversando as gentes, sobre trinta mil assuntos, e virgulando as falas de um olhar que metia medo aos mais heroicos (ASSIS, 2009, p. 16).

Soares (2004) reitera que nos cânones do higienismo que se disseminava no país após o estabelecimento do império era necessária uma revitalização da arcaica sociedade brasileira, imbuída de “insalubridades”. “O Alienista” foi escrito na atmosfera gerada a partir dos planos higienistas que passaram a vigorar no Brasil, dando aos médicos higienistas liberdade e poder para intervirem na sociedade. Compreendendo que o corpo é um eficiente meio de controle e disciplinamento social, os dirigentes fazem uso de programas ginásticos para moldar e “aprimorar” o corpo da população com vistas ao almejado progresso da nação.

Em consonância com Gomes (1994), o personagem de Simão Bacamarte corresponde à personificação da ciência, pois o médico representa o corpo disciplinado pela ciência. Esta perpassa todo seu corpo, suas vestimentas, sua linguagem, hábitos alimentares e de sono, ou seja, o intuito era a dominação



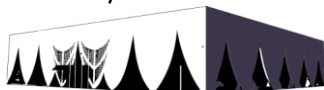
total. Portanto, o primordial alvo de disciplinamento para controle das populações deveria ser o corpo, visto que este é a finalidade, o recinto e o mecanismo de combate.

É o corpo falante, submisso ao discurso científico. A ciência é disciplina, sabe Machado. Poder e disciplina. Enquanto conjunto de ensinamentos e enquanto normatização que se cristaliza num corpo. Assim, embora de início pudesse parecer o contrário, não há no Alienista uma separação entre um ideal científico exaltado e um corpo relegado às coisas irrelevantes. Seu corpo e sua mente, seus ideais e seus afetos, são uma coisa só [...] (GOMES, 1994, p. 155).

Ademais, a ciência pretendia o controle e disciplina universal dos corpos. Machado de Assis atinava essa questão, o que fica evidente no conto, quando o Dr. Bacamarte – o instrumento científico para a disciplina social – explica que buscava o tratamento global para a insanidade. Para conseguir realizar tal feito, ele precisava intervir nos corpos da população. Sua nova teoria apontava que os mentecaptos eram aqueles que não possuíam “[...] o perfeito equilíbrio das faculdades mentais [...]” (ASSIS, 2009, p.19). Por isso o Dr. Bacamarte começou a trancafiar todos aqueles que possuíam supostos traços de desequilíbrio mental, como os viciados, os maníacos, os fanáticos e os indecisos – corpos que desviassem da normalidade.

Posto isso, pode-se fazer uma analogia com o surgimento da Educação Física no Brasil. No princípio, os programas ginásticos eram destinados somente à elite. Todavia, era necessário realizar uma regeneração moral, corporal e intelectual de toda população para revitalizar a sociedade brasileira para eliminar as mazelas sociais. Por isso os programas ginásticos passaram a ser sistematizados para todas as camadas sociais, como forma de controlar e disciplinar todos os corpos que fossem considerados insalubres e imorais.

A nova teoria de Simão Bacamarte ocasionou o terror nos cidadãos de Itaguaí. Não se sabia mais quem era louco ou quem não era, e a cada dia que passava um novo cidadão era aquilatado como louco e “encarcerado” na Casa



Verde. Até aqueles que se apresentavam como “normais”, como o admirado Costa e o humilde albardeiro Mateus.

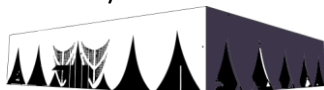
[...] Contudo, ao contrário da “felicidade” positivista, profetizada por Bacamarte por meio do belo serviço filantrópico que prestaria à humanidade, em sua função de medicalização e civilização dos hábitos coloniais no pequeno vilarejo, o narrador machadiano se refere à intromissão do alienista na vila de forma irônica, pois traduz a “felicidade” em seu avesso: o terror positivo (CORBANEZI, 2015, p. 221).

Com o terror instaurado, a população de Itaguaí estava em efervescência com as atitudes tirânicas e déspotas de Simão Bacamarte. “[...] É preciso derrubar o tirano [...]” (ASSIS, 2009, p.29), disse o barbeiro Porfírio, um dos cidadãos revoltados com as ações autoritárias do médico. Até que cerca de trinta pessoas se mobilizaram para ir à câmara municipal reivindicar que Bacamarte suspendesse as internações. Todavia, a câmara nega tal pedido argumentando que a “[...] ciência não podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimentos de rua” (ASSIS, 2009, p.30).

Tal acontecimento só aumentou a indignação da população itaguaiense. Até mesmo um dos vereadores, Sebastião Freitas, aderiu à mobilização, proferindo a seguinte indagação: “[...] quem nos afirma que o alienado não é o alienista?” (ASSIS, 2009, p.31). Porfírio organiza uma nova mobilização, denominada de Canjicas, só que agora com mais de trezentas pessoas que foram até a Casa Verde a fim de derrubá-la, pois já não suportavam mais a tirania de Bacamarte. Contudo, ao se encontrarem com o médico, este diz que não se brinca com a ciência e que ele não precisa dar explicações de suas ações de alienista, exceto para os mestres e a Deus.

Neste viés, analisando o conto em um paralelo com a busca da modernização brasileira através de intervenções tirânicas, Pereira (2014, p. 142) argumenta que:

A autoridade, essencialmente moderna, das ciências biomédicas, higienizantes e sanitaristas, se arrogaria o direito de manipular os corpos



maltrapilhos dos deserdados da *Belle Époque* como objetos científicos; e, caso algo residente e resistente dentro de tais objetos se manifestasse [...], lá estaria a força policial para aquietar os ânimos (e a alma) dos “leigos e rebeldes” que se recusassem a receber a vacina obrigatória. Afinal, e mais uma vez, “meus senhores, a ciência é coisa séria [...]. Não dou razão dos meus atos [de sanitarista] a ninguém” -e as pessoas é que fossem injetadas com um líquido misterioso, sem maiores esclarecimentos por parte das autoridades públicas, as quais não aceitariam “dar razão do meu sistema [modernizante e excludente] a leigos” contaminados e contagiosos. Contaminação perigosa e comprometedora da imagem do país era a varíola, a febre (amarela), e a peste (bubônica); o “atraso”, a “ignorância” e a “feiúra” –os trajes “vergonhosos,” e logo perseguidos, das mangas de camisa, por exemplo– representados pelo próprio povo; um povo marcado por anos de escravidão, desmando, penúria, exclusão social e cultura.

No apogeu da revolta popular, Simão Bacamarte demonstra todo poder e autoridade que havia conquistado. Percebendo o claro desequilíbrio das faculdades mentais de Porfírio e seus seguidores, o alienista, com auxílio da supremacia imperial, consegue trancafiá-los e restaurar a ordem na cidade. Assim, o terror continuou e nada escapava de seu juízo, nem mesmo sua esposa, visto que nada deve resistir à ciência, nem mesmo o amor.

Já no desfecho do conto o alienista percebe que a normalidade estava na loucura, já que todos estavam loucos e, pela lógica, conclui que por não ser louco, ele era o único louco de Itaguaí, e liberta todos os trancafiados na Casa Verde. Através de suas incessantes investigações, Simão Bacamarte decide investigar a si mesmo e acaba morrendo depois de alguns anos, sem nada descobrir. “A alienação final do cientista itaguaiense, [...] pode ser interpretada como uma investida crítica, cômica e irônica, por parte de Machado, diante das esperanças das elites modernizantes brasileiras no sentido de promover a ‘ordem’ e o ‘progresso’” (PEREIRA, 2014, p.153).

Desse modo, o conto o “Alienista” de Machado de Assis nos possibilita interpretações que são análogas com o surgimento do movimento higienista e da Educação Física no Brasil. A narrativa ficcional é imbuída de ironias e críticas sociais que o célebre autor teceu sobre a realidade da sociedade brasileira imperial. Neste sentido, o autor constrói o personagem central para ilustrar o



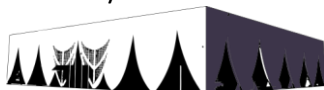
poder que os médicos-higienistas receberam para intervir, controlar, e disciplinar a população brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou investigar possíveis liames entre o conto “O Alienista” de Machado de Assis com a instauração do movimento higienista e o nascimento da Educação Física no Brasil. A partir do conto e sua contextualização conseguimos refletir sobre como o movimento higienista se consolidou e foi enraizado na cultura brasileira, tendo como um dos seus principais representantes a Educação Física. Isto é possível porque a narrativa do “O Alienista” é imbuída de ironias e críticas sociais destinadas à sociedade imperial brasileira. Por isso pode-se estabelecer algumas analogias do conto com a simultânea ascensão do movimento higienista, bem como, o surgimento e instauração da Educação Física no Brasil.

Simão Bacamarte, protagonista do conto, é a personificação do discurso e da ideologia higienista que vigorava no Brasil após a chegada da corte portuguesa. O personagem expressa a ciência como um imperativo social, uma espécie de passaporte dado aos médicos higienistas para intervirem e controlarem a vida da população brasileira.

Outrossim, para conseguirem realizar a tão desejada regeneração social, os higienistas perceberam a importância do adestramento do corpo. É neste momento que a Educação Física ganha força no Brasil, compondo a prescrição de asceses corporais enquanto um meio para moldar os corpos de acordo com o desejo da ideologia higienista. Simão Bacamarte buscou controlar, disciplinar e curar os loucos, enquanto a elite modernizante vislumbrou, através da ginástica, colocar em prática o mesmo projeto incidindo sobre os corpos da população. É exatamente por isso que passaram a incentivar a prática dos exercícios ginásticos e a defesa da ginástica/Educação Física como disciplina nas escolas.



A leitura de “O Alienista” de Machado de Assis e dos autores utilizados neste estudo para a compressão do movimento higienista no Brasil nos permitem uma compreensão e um entendimento mais crítico sobre o que foi esse movimento, assim como os desdobramentos que o mesmo teve e ainda tem, visto que a ideologia higienista reverbera na cultura brasileira atual; basta observarmos a atualidade dessa política no cotidiano, nas práticas, no comportamento, nas relações consigo e com os outros, em que se estabelecem relações praticamente insuspeitas atribuídas aos cuidados com o corpo. Portanto, corrobora-se com o pensamento de Lovisolo (1999) quando o autor assevera que o movimento higienista não foi superado, pelo contrário, ele está vigorosamente radicado em nossa sociedade através da corrente pela saúde que busca disciplinar e moralizar os alcoólatras, os fumantes, os obesos, os sedentários, os dependentes de drogas etc.

Ademais, é válido ressaltar que a Educação Física continua sendo, em proporções diferenciadas, mas não menos importantes, assim como outras áreas, um dos vetores partícipes da política higienista. O que se alterou ao longo do tempo foi o modo de incidir sobre os corpos.

Na sua gênese, a Educação Física brasileira estava muito atrelada à chancela dos médicos-higienistas, com o intuito de promover o progresso do país. Para tanto, as políticas de intervenção do Estado sobre a população cumpriram papel de destaque e fomentaram modos, hábitos e costumes salutareos afinados com uma nação dita moderna e civilizada. No passado, notamos que as finalidades e preocupações com o controle do corpo afinava com o discurso direcionado para uma moral da saúde e da disciplina para o trabalho por meio dos exercícios ginásticos. No presente, aquele discurso se transforma num discurso mercadológico, com vistas a promover a saúde individual dos sujeitos para o sucesso da onda *fitness*, que representa a busca pelo corpo idealizado, e não mais a busca pelo “progresso da sociedade”. Certamente que havia um interesse mercadológico liberal naquele período no uso da Educação Física como forma de se conseguir o progresso da nação, pois esse objetivo foi



traçado através da influência liberal europeia. Contudo, não se buscava a construção de um corpo ideal a ser vendido como estereótipo de corpo e saúde mercantilizados.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009. (Clássicos da literatura).

BOSI, Alfredo. **O enigma do olhar**. São Paulo: Ática, 2003.

CORBANEZI, Elton. O terror do positivo: O alienista e o positivismo comteano. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.22.1, p.209-232, 2015.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista**. SP: EDIÇÕES LOYOLA, 1991.

GOMES, Roberto. O Alienista: loucura, poder e ciência. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, **5**(1-2): 145-160, 1993 (editado em nov. 1994).

LIMA, Nisia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.

LOVISOLO, HUGO. História oficial e história crítica: Pela autonomia do campo. **Motus Corporis**. Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.127-146, 1999.

MELO JUNIOR, Geovane Souza. O cientificismo e suas relações com o poder no conto “O alienista”: uma análise foucaultiana. **Revista Alpha**, Patos de Minas, v. 17, n. 1, p.73-80, 2016.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira**. São Paulo: Realizações, 2014.

PEREIRA, Ana Carolina Huguenín. O Alienista: um olhar machadiano sobre a modernidade. **Trashumante**: Revista Americana de Historial Social, México, n. 2, p.134-155, 2014.

SCHWARZ, Roberto. “As ideias fora do lugar”. In, SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Ed 34, 2012.



SILVA, Leicy Francisca. **“Eternos órfãos da saúde”: medicina, política e construção da lepra em Goiás.** Goiânia: Ed UFG, 2016.

SOARES, Carmen Lúcia. **A Educação Física no Brasil saúde, higiene, raça e moral.** In: SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física: raízes européias e Brasil. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. cap. 3, p. 69-133

TAUNAY, Carlos Augusto. **Manual do agricultor brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Recebido em: 17-09-2019

Aceito em: 30-03-2020

